

Sistemas Semióticos de Cultura: A Universidade do Porto como Semiosfera

The **Semiotics** Systems of **Culture**: Oporto University as a **Semiosphere**

MARIA TERESA LEÃO * [moreira.gomes@ua.pt]

Resumo | O património, expresso através de centros históricos, edifícios “com história”, museus e monumentos confere às cidades um lugar de destaque como destinos turísticos. A Universidade do Porto (U.P.), detentora de um notável património edificado, artístico, bibliográfico e cultural, assume considerável potencial como *stakeholder* para o turismo da cidade. Classificado em 1996, pela UNESCO, como “Património Mundial”, reconhecido em, 2001, como “Capital Europeia da Cultura”, o Porto tem vindo a conquistar, reiteradas vezes, o prémio de “melhor destino europeu”. Neste sentido, e à luz do paradigma teórico da semiótica da cultura procuraremos compreender de que forma a semiosfera que integra a Universidade do Porto interage com os responsáveis pelo marketing ou pela gestão da cidade do Porto, como destino turístico. Desta forma, procurar-se-á identificar dimensões como o diálogo, o contato cultural, os fenómenos “*buffer*”, fronteira e centro semiótico, numa perspetiva de trabalho em rede, determinante para a sustentabilidade da competitividade dos destinos.

Palavra-chave | Turismo, Património Cultural Edificado, Universidade do Porto, Semiosfera, Trabalho em Rede

Abstract | Heritage, stated by historic centers, museums and monuments, bestow Porto as a prominent place for tourism. The U.P. (University of Porto) holds remarkable sights, bibliographic and cultural heritage which may well be the reason behind the city’s unquestionable role as a key-actor concerning the upbringing of a strong identity and city picture. The city of Porto, classified by UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, in 1996, as “World Heritage Site”, acknowledge in 2001 as European Capital of Culture and recurrently considered as “best European Destination”, outlining Porto as being one of the most attractive cities. As such, and when considering the theoretical paradigm of culture semiotics, we aim to research and to comprehend in which ways the semiosphere that incorporates Oporto University interacts with those accountable for the city’s either marketing or management as a tourism destination. Therefore, this report cast’s about to identify how dimensions such as dialogue, cultural interaction, “*buffer*” phenomenon’s, boundary and semiotic center

* **Doutora em Ciências da Educação** pela Universidade de Aveiro e Doutoranda em Turismo na Universidade de Aveiro. **Professora-adjunta** no ISVOUGA-Instituto Superior de Entre Douro e Vouga

in a networking perspective are crucial for the sustainability of destinies competitiveness.

Keywords | Tourism, Cultural Heritage Sights, Oporto University, Semiosphere, Networking

1. Introdução

A conjugação da situação de declínio de determinadas atividades económicas e a perceção do turismo como uma indústria em crescimento, com potencial para promover uma regeneração física e a revitalização do centro da cidade, foram fatores que, do ponto de vista da oferta do destino, alavancaram o turismo de cidade. O crescimento do turismo como atividade económica foi assim fortemente impulsionado como resposta alternativa à indústria dita tradicional que começa a sua fase de declínio na década de 80 (Law, 1994). O nível de informação, decorrente da multiplicidade de fontes e de canais à disposição do consumidor, e a diversidade de destinos turísticos alternativos para um dado “destino-tipo”, contribui para o aumento dos níveis de exigência e grau de competitividade da atividade turística. A heterogeneidade de fatores privilegiados, relativamente a um mesmo destino, a procura crescente de ofertas criativas com um registo experiencial ativo, por parte do turista, bem como a diversidade de dimensões a considerar como requisitos de qualidade, entre outros fatores alguns dos quais não controláveis, constituem desafios recorrentes a enfrentar pelos *players* da atividade turística.

Como metodologia para a realização do presente artigo, elegeram-se três “caminhos”: i) revisão de bibliografia, ii) análise documental de informação compilada e disponibilizada pela Reitoria da U.P. iii) entrevistas com interlocutores privilegiados relacionados com a Unidade de Cultura da U.P. e mecenas, fundador da Casa de Pernambuco, na cidade do Porto.

Numa primeira parte (pontos 1 e 2) tentaremos integrar a Universidade do Porto, enquanto espaço

público, na sua cidade, tendo em conta o estatuto desta última como destino turisticamente reconhecido, para de seguida se contextualizar a Universidade quanto à sua origem, evolução e património cultural, no âmbito dos seus edifícios “com história” e museus e, por conseguinte, no que a define como semiosfera.

Numa segunda parte (pontos 3 e 4), apresentar-se-ão algumas das situações que, numa aceção de semiótica da cultura, atestam a permeabilidade das fronteiras da U.P. à interação, para, por fim, se enfatizar a importância da comunicação dialógica num contexto de turismo cultural.

2. O Porto como destino turístico

A cidade do Porto, foi, até há poucas décadas atrás, uma cidade com edifícios e espaços públicos degradados e com o espectro, sobretudo em anos mais recentes, de um “certo abandono”, acentuado pela tendência para a redução de espaços comerciais e residências (Ramires, Brandão & Sousa, 2018). Na sequência da classificação da cidade, em 1996, pela UNESCO-*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, como Património Mundial, e do reconhecimento, em 2001, como Capital Europeia da Cultura, entre outros fatores, deu-se lugar a todo um processo de renovação, com base na construção e reabilitação de edifícios, melhoramento de espaços e infraestruturas públicas, atrações culturais, eventos e todo um conjunto de serviços e negócios direta e indiretamente necessários ao acolhimento de um número crescente de novos turistas. Neste sentido, importa tentar contribuir para a atribuição de sen-

tido à U.P., enquanto sistema semiótico com o seu carácter delimitado face ao espaço extra semiótico e alo semiótico que o rodeia, numa perspetiva de gestão articulada com o Município e com outras entidades com competências sobre a dimensão cultural patrimonial da oferta da cidade, como destino turístico. A qualidade da articulação entre os papéis a desempenhar por cada um dos diferentes tipos de intervenientes é de tal forma determinante que pode inclusive ser considerada como vantagem competitiva... *“the competitive advantage of the tourism destination as a whole often relies on the overall inter-firm network configuration, more than on a few individual firm competencies”* (Denicolai, Cioccarelli & Zucchella, 2010).

Apesar de oficialmente criada em 1911, a U.P. tem raízes que remontam a 1762, data da criação da Aula de Náutica por D. José. Primordialmente estruturada em 2 faculdades: Ciências e Medicina, vem a diversificar-se ao nível de áreas científicas que abrange e a autonomizar-se no que concerne às escolas que alberga, as quais se encontram fisicamente distribuídas por três zonas distintas da cidade do Porto, designadas por: Polos I, II e III (site oficial da U.P, 2019).

A presente abordagem é perspetivada no sentido de se contribuir para: i) enfatizar o potencial da U.P., enquanto espaço público fundamental de cultura pública; janela para a alma da cidade que nos permite defini-la e representá-la (Zukin, 1995 citado por Chatterton, 2000), como *stakeholder* ao nível da oferta de património cultural e mais concretamente património edificado, ii) a caracterização desta instituição pública como semiosfera e quanto a espaços representativos de enantiomorfismo.

3. O Património Cultural edificado e museológico da U.P.

A partir da década de 80, as expectativas re-

lativas ao património diversificam-se. Os museus, em particular, assumem uma dupla função: a de expandir a relevância do passado, da história, mas também a de contribuir para a diluição de entidades com um cunho nacionalista/colonialista e das ideologias que anteriormente o sustentavam. Por outro lado, assiste-se ao desenvolvimento de esforços no sentido do reforço do papel assumido enquanto recursos educativos para as comunidades locais e ainda enquanto produtos comerciais de lazer, servindo, assim, residentes e turistas. É nesta aceção que a preservação e exploração devem ser equacionadas através de fontes e estratégias que assentam numa apropriação e intervenção suportadas pelo conhecimento e maior rigor na informação partilhada (Botelho & Ferreira, 2014).

A U.P., ao longo da sua existência, foi acumulando um notável património edificado, artístico, bibliográfico e cultural de natureza tangível (Leão, 2014). Com um total de 12 museus distribuídos pela área metropolitana do Porto: Casa Museu Abel Salazar, Museu de História da Medicina do Prof. Maximiano Lemos, Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina, FEUP-Museu, Museu da Faculdade de Farmácia, Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Planetário, Museu de Anatomia Prof. Nuno Grande, Museu de História Natural e Museu da Ciência, Museu da Faculdade de Belas Artes da U.Porto e Observatório Astronómico Prof. Manuel Barros. Releve-se, por último, nesse espólio, o Jardim Botânico pelo carácter diferenciador e potencial de acolhimento de manifestações culturais ao ar livre (fonte: Site oficial da U.P.).

O Museu de História Natural e Ciência da U.Porto destaca-se, do referido conjunto, pelo edifício que ocupa. Classificado pela UNESCO, como património mundial e ponto integrante da Rota Urbana do Vinho, pode, numa aceção arquitetónica, cultural mas também museológica, ser, inclusive, considerado como um dos mais emblemáticos do espólio da instituição.

A U.P. é ainda detentora de outros edifícios

“com história”: Edifício da R. Aníbal Cunha, Edifício da Rua dos Bragas, Edifício do Largo do Prof. Abel Salazar, Casa Andresen, Casa Burmester, Casa do Gólgota, Casa Primo Madeira, Casa de Zoologia Marítima, Instituto Geofísico, Observatório Astronómico, Palacete Braguinha e Faculdade de Arquitetura.

4. A U.P. como semiosfera

Numa fase final da obra teórica de Yuri Lotman, autor russo, responsável pela produção de mais de cinquenta trabalhos sobre a semiótica da cultura, torna-se evidente um entendimento da cultura num sentido mais ativo e dinâmico, capaz de gerar sentido, por oposição a algo estático, confinado a recebê-lo. As ideias do autor vêm então a convergir no sentido de uma corrente de pensamento de pendor mais “pós-neoestruturalista” e é neste contexto que Lotman introduz o conceito de semiosfera.

Num enquadramento teórico que visa analisar as relações entre o homem e o mundo que é o da

semiótica da cultura, definido por Lotman (1996) como: “(...) disciplina que examina a interação de sistemas semióticos diversamente estruturados, a não uniformidade interna do espaço semiótico e a necessidade do poliglótismo cultural e semiótico (...)”, pode assumir-se a semiosfera como o domínio em que todo o sistema sígnico pode funcionar e fora do qual, a comunicação não existe.

Tendo em conta: i) que o objeto de estudo incide sobre turismo e património cultural da cidade do Porto, aqui perspetivado como o conjunto de edifícios “com história” e museus, ii.i) o considerável património da U.P. a que se faz referência no ponto anterior; ii.ii) que cabe ao Município, em primeira instância, a coordenação da gestão da cidade como destino turístico; ii.iii) a existência de outras organizações com responsabilidades sobre distintos recursos integrados na referida aceção de património, poderemos considerar duas semiosferas: U.P. e Município do Porto, bem como vários outros sistemas semióticos diversamente estruturados (potenciais *stakeholders* ou *partenaires*), entre os quais se pretende que haja comunicação dialógica para que se possa trabalhar de forma mais profícua a sustentabilidade do destino turístico.

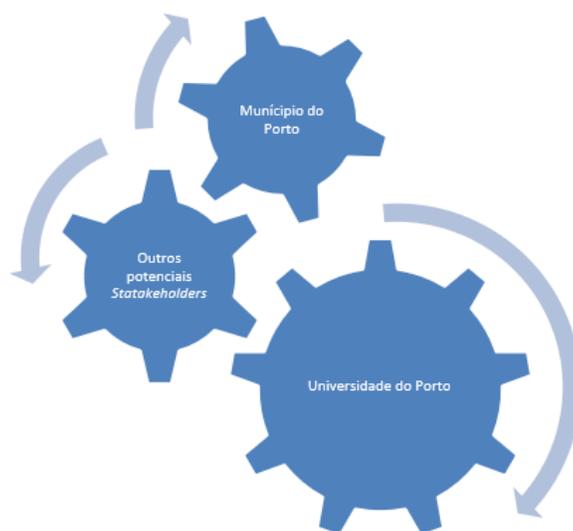


Figura 1 | Semiosferas associadas à gestão do património cultural edificado da cidade do Porto
Fonte: Elaboração própria

Ora, nesta definição de semiosfera que Baptista (2008) define como “mundo da significação”, inerente à racionalidade do homem e, por conseguinte, à “atividade simbólica própria da produção cultural do homem”, perspetivamos a U.P. como um espaço com caráter delimitado dada a homogeneidade semiótica e a individualidade que a caracterizam por oposição ao espaço extra-semiótico e alo-semiótico que a rodeia. A U.P. como semiosfera é integrada por subestruturas que se lhe assemelham e que, embora detentoras de identidade própria, apresentam considerável interseção entre si. A correlação dinâmica entre

as subestruturas forma a conduta da semiosfera ou a interconexão que permite a identificação de isomorfismos e o estabelecimento de formas de comunicação e identificação de possíveis consensos para a definição de possíveis estratégias. Estes isomorfismos quando ocorrem no sentido vertical entre estruturas de diferentes níveis hierárquicos geram o incremento de mensagens e o reforço da comunicação. À medida que as subestruturas se distanciam do centro ou núcleo em direção à periferia, o grau de homogeneidade tende a diminuir e a permeabilidade ao exterior a aumentar.

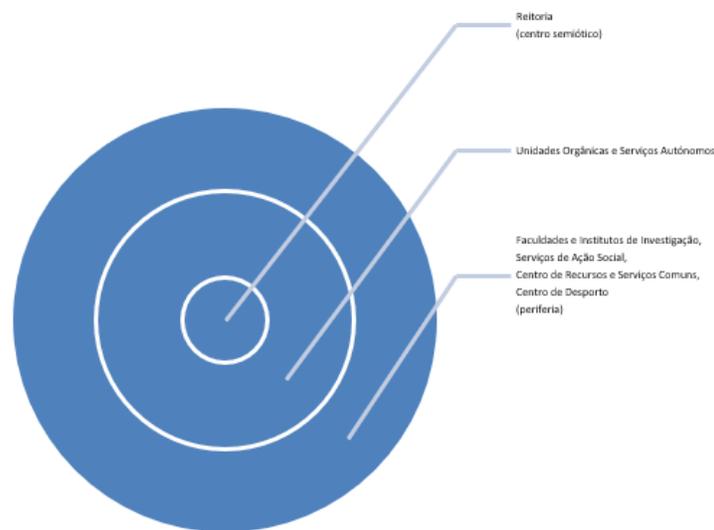


Figura 2 | A U.P. como Semiosfera
Fonte: Elaboração própria

5. A premência da comunicação dialógica num contexto de turismo cultural

A esfera pública contínua fragmentada, múltipla e diversa nas suas manifestações, não existindo, numa acessão mais rigorosa, como contexto ao qual todos acedemos num registo homogéneo. A audiência cultural tende a permanecer em certos círculos de expressão artística, relativamente elitista e, por conseguinte, reduzida, gerando uma competição por este tipo de público (Ashworth &

Larkham, 1994; Queirós, 2014). Por outro lado, a complexidade de planeamento, é agudizada por pressões geradas pela redução de fundos públicos, o que tendencialmente explica uma maior orientação das instituições para o mercado. As manifestações culturais precisam, cada vez mais, de se justificar num registo quantitativo: número de visitantes e volume de receitas. Assim sendo, o crescimento do turismo cultural pode ser perspetivado como uma consequência da procura de turismo e do crescimento da oferta de atrações cul-

turais e intensificação da competição, no sentido da captação do respetivo público-alvo (Richards, 1996). Tendo em conta que a globalização trouxe consigo atenções redobradas para com os bens que permitem a afirmação dos lugares no contexto em que impera uma cultura global (Ferreira, 2011), às cidades, como destinos turísticos, impõe-se a disponibilização de uma oferta suficientemente ampla, do ponto de vista de património cultural edificado, designadamente museus, capaz de as projetar de forma impactante, mesmo que a maior parte dos turistas apenas visitem uma pequena parte do número total de recursos disponíveis. (Law, 1994). Desta forma, autarquias, delegações regionais e mesmo o poder central deverão conjuntamente identificar e promover a relevância da cultura, enquanto instrumento de identidade cultural própria dos municípios e localidades, isto numa relação simbiótica entre as respetivas especificidades e as culturas mais gerais e globais (Campos, Batista & Latif, 2014); convergir para, o que Lorino (2015) considera como fim último dos processos de mediação, o de atribuição de

sentido a hábitos socialmente reconhecíveis.

Com efeito, as especificidades territoriais ou, por outras palavras, as características que conferem aos territórios, “lugares” ou cidades um posicionamento percecionado como positivamente diferenciador, assumem-se como vantagens competitivas em torno das quais valerá a pena uma congregação sinérgica de esforços.

Fatores relacionados com o contexto urbano envolvente, de reconhecido valor histórico, patrimonial e cultural, em que se insere o edifício do Museu de História Natural e Ciência e, desde 2006, os Serviços da Reitoria, e do qual fazem parte a Cadeia e Tribunal da Relação, os Clérigos, Edifício das 4 Estações e Palácio do Conde de Vizela, Hospital de Santo António, Igreja de S. José das Taipas, Igreja dos Terceiros do Carmo e Convento de N. Sr^a. do Carmo, Livraria Lello e Irmão e Palácio da Justiça, poderão contribuir para explicar, o grau de permeabilidade por parte da Universidade à cidade, numa dimensão turística

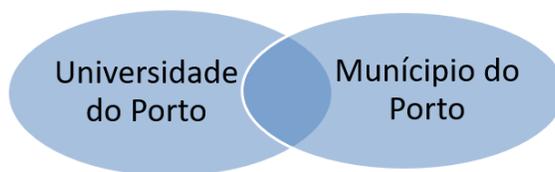


Figura 3 | Enantiomorfismo cultural entre Semiosferas com impacto cultural na cidade do Porto
Fonte: Elaboração própria

A abertura ao público, no ano de 1996, do retangular edifício, até então ocupado pela Faculdade de Ciências, de estilo neoclássico e projetado por Carlos Amarante, como Museu de História Natural e Ciência da U.Porto é uma evidência da atividade de interação da U.P. como semiosfera, no sentido da disponibilização de um edifício “com história”, não só à comunidade, como a todos os que pretendam conhecê-lo.

De entre os seus outros edifícios “com histó-

ria”, ainda que mais recente, relevar-se-á, tendo em conta o grau de notoriedade relativa e de procura para efeitos de visita, segundo fontes da Unidade de Cultura da U.P, o da Faculdade de Arquitetura, produto de um projeto de recuperação da Quinta e Casa do Gólgota, da autoria do Arquiteto Álvaro Siza Vieira, ele próprio docente da Universidade, e que foi entregue à Faculdade em 1984.

O enantiomorfismo tem sido assim consubstanciado pela anulação de diferenças não correlacioná-

veis e pela ocorrência de oportunidades de diálogo que estiveram na origem também da fundação conjunta com a Câmara Municipal do Porto, em 1998, do Planetário do Porto, bem como da organização, em 2010, do Campeonato Mundial Universitário de *Rugby Sevens*. Assinale-se, em particular, do conjunto de dinâmicas despoletadas com o intuito de se assinalar os 100 anos da Universidade, pelo carácter de entrosamento com o seu exterior, a participação da U.P. na tradicional Regata dos Barcos Rabelos até pelo carácter de “fusão”, por via desta iniciativa, das festividades da Universidade com o colorido da mais emblemática festa da cidade do Porto (S. João). Refira-se, a este propósito, ainda a própria Corrida Universitária, integrada na Corrida de São João, que contou com a participação de 200 estudantes da U.P, como mais um evento conjunto (do Município e da Universidade). Face às diferenças, entre os sistemas semióticos observados, poder-se-á conferir, às alterações geradas, o que Sonesson (2020) considera carácter de transposição.

Constatam-se, pois, na 1ª e 2ª década do século XXI, a última coincidente com o centenário da Universidade, fenómenos de interação com o município e o envolvimento efetivo, por parte da primeira, nas dinâmicas da cidade e, em particular, com as manifestações de carácter religioso e laico com especial significado ao nível local, isto num contexto em que: “A globalização cria uma cultura universal global e, ao mesmo tempo, fortalece a cultura tradicional na qualidade de um contrapeso” (Kotler, Kartajaya & Setiwan, 2011).

Tendo por missão “assegurar uma programação cultural e artística regular e de qualidade dirigida à comunidade académica e à população da área metropolitana do Porto...” (Cultura, Museus e Editora da U.Porto, 2019), em entrevistas realizadas à, então, recém-empossada Vice-Reitora da Unidade de Cultura da Universidade, constata-se, através de evidências, o árduo trabalho realizado no âmbito da referida Unidade com vista à disponibilização de uma oferta artística e cultural diver-

sificada. A três de abril de 2019, com a inauguração da Casa Comum, a Universidade consolida-se como espaço mobilizador de diferentes agentes e saberes – de constante interatividade e cocriação, contribuindo para a vitalidade cultural da cidade e para o desenvolvimento da área metropolitana do Porto numa lógica de “uma política de implementação de uma verdadeira democracia cultural.” (Cultura, Museus e Editora da U. Porto, 2019). É neste contexto que, com carácter regular, se realizam as chamadas “Pausas Culturais”. Sob a forma de espaços musicais, à hora do almoço de um dia por semana, visa-se com a iniciativa promover um espaço de rutura, ainda que breve, com o contexto de trabalho. Os ciclos de cinema seguidos de reflexões, exposições e *workshops*, a iniciar o fim de semana, estimulam, por outro lado, a partilha e debate de ideias sobre questões sociais. As Aulas abertas à Cidade, constituem um outro espaço de partilha, vocacionado para a apresentação de temas por reputados comunicadores, num conceito de verdadeiro serviço público à comunidade. Como prioridades relacionadas com o envolvimento da Universidade com a cidade no domínio cultural, identificam-se também preocupações no sentido da mobilização de públicos cujas evidências atestam uma generalizada ausência de participação em determinadas dinâmicas culturais, designadamente dos que se encontram na faixa etária entre os 18-30 anos, por via de iniciativas a encetar num registo de cocriação. Por outro lado, a previsão de realização de um grande evento, designado: Festival de Histórias do Porto, permitirá congregar vivências, narrativas e factos experienciados e investigados ora, por aqueles que nela residem e/ou nela trabalham, ora por historiadores da atualidade, especializados na história da cidade, no seu património e “histórias”. Ora, importará aqui relevar-se a memória coletiva como dimensão inerente à cultura que sendo una, dado o seu carácter ininterrupto, é também variada porque regular de transformação, constituindo-se como mecanismo criador porque recodifica o sentido, atribuindo novas significações

ao todo a partir das partes. Com a referida dinâmica, a Universidade propõe-se assim a conferir um lugar privilegiado a uma diversidade de memórias que tanto podem integrar aquela que é a memória coletiva, como outros enunciados invisíveis, à margem do que a memória cultural comum selecionou e resgatou do esquecimento, consubstanciando a natureza pancrônica de que se reveste, isto é; de passado e de presente. Lotman (1996) assume, desta forma, uma conceção sistémica do desenvolvimento cultural que se pode considerar sinusoidal, tendo em conta que lhe reconhece um carácter pendular ou cíclico entre uma interpretação simplificada e “prática” de conteúdos da memória, numa acessão semiótica solidamente conectada com a realidade e uma outra em que intervêm elementos de análise mais subtil da realidade e em que ocorre uma maior independência da semioticidade.

Quanto aos museus, uma herança construída peça, por peça, na maioria dos casos, ... o desafio é grande. A sua gestão e divulgação, por forma a serem potenciados numa dimensão turística, requerem estratégias concertadas e sobretudo o reforço de todo um trabalho em rede, ao nível da comunidade académica, com o Município e outros atores com responsabilidades na cultura: Fundação de Serralves, Teatro do Bolhão, Teatro Nacional de S. João, Teatro Municipal Rivoli, Casa da Música, Circulo de Amigos do Dr. José de Figueiredo/Museu de Soares dos Reis, Fundação Engº António de Almeida, entre outros que integram a indústria turística e que, de alguma forma, se correlacionam com a dinâmica associada ao património cultural edificado, tendo em conta ser este o foco do presente artigo. No imediato, prevê-se a disponibilização de galerias no Museu de História Natural e Ciência, uma destinada à exposição de artistas consagrados e uma segunda destinada a trabalhos reputados de alunos da U.P; para 13 de março de 2020, perspetiva-se a abertura ao público da Fundação Marques da Silva, detentora do maior arquivo de arquitetura com estrutura de investigação associada. A U.P. atesta assim esta

dimensão de compromisso público bem como, de acordo com a fonte suprarreferida, o seu interesse numa maior integração daqueles que considera os seus “tesouros” (museus) na dimensão turística da cidade.

Importará relevar neste paradigma o fenómeno associado à comunicação dialógica ou enantiomorfismo e que ocorre: i) quando dois *partenaires* são parecidos e diferentes, o que anula a identidade por um lado, bem como a diferença não correlacionável, por outro; ii) quando há reciprocidade e mutualidade no intercâmbio da informação; iii) quando há lugar a transmissão informacional e carácter discreto (lugar a exposição por parte do outro), iv) quando não exista sincronicidade de transmissão aos diferentes níveis da semiosfera; uma causa à qual se associe um certo grau de dissimetria e em que o objeto a transmitir integre elementos que permitam a respetiva decifração ou consciência, suscetível de gerar linguagem e um efetivo diálogo em lugar de adestramento.

Nesta linha de pensamento destaque-se, em particular, o projeto de abertura ao público da Casa de Pernambuco, construída dentro do *campus* da Universidade do Porto, e como resultado de uma parceria entre o Governo de Pernambuco, a Prefeitura do Recife, a UFPE-Universidade Federal de Pernambuco, a UPE-Universidade de Pernambuco, a Câmara do Porto, a Universidade do Porto e o Instituto Pernambuco-Porto, idealizado em 1992 pelo empresário Zeferino Ferreira Costa, português radicado no Recife há mais de 40 anos, com o objetivo de estreitar as relações entre as regiões. Tratando-se de um projeto inicialmente destinado a divulgar a arte proveniente das diversas regiões do Brasil, vem a ser ampliado no sentido de vir a reforçar o diálogo com outras culturas de língua portuguesa, e, por essa via, potenciar o que Baptista (2008) considera “construção e constituição” da Lusofonia, como semiosfera. Um processo que contribui não só para: i) promover a desejável rutura com o isolamento e rigidificação característicos do Estado Novo e assentes em mecanismos

"buffer", controlados a partir do centro da semi-esfera enquanto centro político-cultural inculcador de uma dada memória histórica e sentido da Lusofonia e que se designou então por "Mundo Português" ou o "Mundo que o Português criou", como também para: ii) fomentar a regularidade do fluxo de mensagens trocadas e filtradas pelas diversas memórias culturais em presença, em mutação e dinamismo constantes.

Através da concretização daquilo a que se refere, na entrevista realizada, como "um sonho seu", o dito empresário português, emigrado no Brasil, e ao qual se poderá atribuir na aceção de Batista (2008) o papel de "tradutor bilingue", assume assim um protagonismo considerável na intersecção entre "mundos diferentes", com dificuldades dialógicas distintas dado o carácter assíncrono da cultura, e enquanto facilitador de processos comunicativos e de troca cultural, promovendo assim o que Vásquez (2019) classifica como "convivência das diversidades". A U.P. evidencia por esta via, ao disponibilizar propriedade construtiva para o projeto e através de envolvimento posteriores, a sua semioticidade enquanto semiosfera, fomentando, inclusive, a diluição de um fenómeno que à semelhança de outros, que implicam cooperação e parceria entre diferentes agentes culturais, apresentam um carácter pontual e casuístico (Gama, Sousa & Mourão, 2014).

Tendo em conta o carácter de intemporalidade das motivações subjacentes ao turismo que se gera numa busca pelas raízes, tendo por base a procura e o conhecimento de História, cultura e civilizações (Costa & Albuquerque, 2017), o turismo relacionado com o património edificado é dos que tem evidenciado mais procura e crescimento e os lugares dotados deste tipo de recursos procuram crescentemente potenciá-los e difundi-los. Criar e dinamizar equipamentos com valências culturais tornou-se um dos objetivos estruturantes das políticas culturais municipais (Azevedo, 2017). A comunicação dialógica num contexto de turismo cultural, impõe-se.

6. Conclusão

A um nível mais abrangente da gestão de destinos turísticos de cidade, poder-se-á considerar fundamental todos os esforços a encetar no sentido de uma maior convergência, por via da coordenação e coerência de discursos e intervenções entre os sistemas com algum tipo de impacto sobre a atividade. A definição de objetivos únicos, para a diluição e ou irradicação, sempre que possível, de mensagens desfocadas, dissonantes ou até mesmo antagónicas é determinante para a construção de uma identidade e marca urbana (Leão, 2014). Além do mais o potencial de diversidade da oferta, por via das complementaridades possíveis entre os ditos sistemas, concorre para a competitividade sustentável do destino. Por outro lado, numa perspetiva mais focada, a identificação de isomorfismos entre sistemas responsáveis por museus e edifícios "com história", como é o caso da U.P., com vista à promoção do diálogo e à concertação de estratégias para um trabalho em rede, relativamente à cidade do Porto, poderá ser determinante, a curto médio prazo, num contexto em que se requerem evidências da respetiva relevância para efeitos de financiamento público da preservação, conservação e reabilitação destes recursos. A conexão entre sistemas mais associados à cultura e sistemas mais associados ao turismo, sem que tal represente perda de identidade; de sentido e objetivos por parte de cada um, por via do que Lotman (1990) caracteriza como poliglotismo e polícronismo cultural e semiótico é uma prioridade, na medida em que pode influenciar de forma determinante a respetiva capacidade de sobreviver ou, no mínimo, a qualidade com que sobrevivem. Com efeito, a ausência de cooperação interinstitucional e entre outros tipos de intervenientes não institucionais, constitui uma fragilidade reiteradamente reconhecida. . . "o turismo, a cultura e o património continuam a operar de forma separada, com muito poucas interacções entre si" (Costa, 2005 citado por Costa & Albuquerque, 2017) cuja superação,

cabe, de certa forma também, à Universidade, na sua missão inerente à produção de conhecimento e de desenvolvimento dos territórios.

Referências

- Ashworth, G.J. & Larkham, P.J. (1994). *Building a New Heritage - Tourism, Culture and Identity in the New Europe*. London, Routledge.
- Azevedo, N. (2017). Políticas culturais à escala metropolitana: notas de uma pesquisa sobre a Área Metropolitana do Porto. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, ojs.letras.up.pt..
- Baptista, M.M. (2008). Comunicação Intercultural e Lusofonia-a perspetiva da semiótica da cultura. *Anuário Lusófono*, 11-20.
- Botelho, M.L. & Ferreira, T. (2014). Tourism, Heritage and Authenticity. In Pereira, A.M, Marques I.A., Ribeiro, M.M., Botelho M.L. & Nunes, P. *Porto as a Tourism Destination*, 261-271, Porto. Media XXI.
- Campos, J., Batista, M. M. & Latif, L. (2014). Políticas Públicas Culturais: Dinâmicas, Tensões e Paradoxos. In Baptista, M.M. & Campos, J. (Coords.), 75-88, Coimbra. Grácio Editor.
- Chatterton, P. (2000). The cultural role of universities in the community: revisiting the university-community debate. *Environment and Planning*, 32, 165-181.
- Costa, C. & Albuquerque, H. (2017). Um novo modelo conceptual para o turismo urbano. In Silva, F. & Umbelino J. (Coords.), *Planeamento e desenvolvimento turístico*, 409-424. Lisboa: Lidel. ISBN: 978-989-752-230-7.
- Denicolai, S. Cioccarelli, G. & Zucchella, A. (2010). Resource-based local development and networked core-competencies for tourism excellence. *Tourism Management*, 31(2), 1-7.
- Ferreira, V. (2011). Olhares sobre o património cultural. *Idearte - Revista de Teorias e Ciências da Arte*, 7,(7), 61 - 72. ISSN 1647-998X.
- Gama, M., Sousa, H. & Mourão, L., (2014). *Políticas Públicas Culturais: Dinâmicas, Tensões e Paradoxos*. In Baptista, M.M. & Campos, J.(Coords.), 89-102, Coimbra. Grácio Editor.
- Kotler, P., Kartajaya, H., Setiwan, I. (2011). *Marketing 3.0 - Do produto e do consumidor até ao espírito humano*. Lisboa. Atual Editora.
- Law, C.M. (1994). *Urban Tourism-Attracting Visitors to Large Cities*. London. New York. Mansell Publishing Limited.
- Leão, T. (2014). Turismo e Ensino Superior. In Pereira A.M, Marques I.A., Ribeiro, M.M., Botelho M.L. & Nunes, P. *Porto as a Tourism Destination*, 117-125, Porto. Media XXI.
- Lotman, M. I. (1990). *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture*, Bloomington: Indiana University Press.
- Lotman, M. I. (1996). *El texto y el poliglotismo de la cultura. La semiosfera I - Semiótica de la Cultura y del Texto*. Trad. Desiderio Navarro. València: Ediciones Càtedra Universitat de València.
- Lorino, P. (2015) Learning as Transforming Collective Activity Through Dialogical Inquiries. *Professional and Practice-based Learning*, 12 pp. 145-168.
- Queirós, A. S. (2014). Turismo cultural e economia do património. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 4(21/22), 107-117. <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/8595/6954>
- Ramires, A., Brandão, F., & Sousa, A.S. (2018). Motivation -based cluster analysis of international tourists visiting a World Heritage City:The case of Porto, Portugal. *Journal of Destination Marketing & Management*, 49-60.
- Richards, G. (1996). *Cultural Tourism in Europe*. UK. Cab International.
- Sonesson, G. (2020) Translation as culture: The example of pictorial-verbal transposition in Sahagún's primeros memoriales and codex Florentino. *Semiotica*, pp.5-39.
- Vásquez, C. & Kuhn, T. (2019) Dis/organization as communication. Exploring the disordering, disruptive and chaotic properties of communication. *Taylor & Francis*, pp. 1-302.
- Cultura, Museus e Editora da U.Porto (2019). *Casa Comum Ano 1 + Editora da Universidade do Porto*, 1ª Edição. Porto U.Porto Edições.
- Site oficial da U.P., acedido em 21 de Dezembro de 2019, em <https://www.up.pt>.